

JOVENS E HISTÓRIA: DOIS MOVIMENTOS EM FORTALEZA

Francisco José Gomes Damasceno - UECE

No final da década de 70 surge em Fortaleza os primeiros elementos da cultura punk, a partir deles se estrutura o movimento punk e depois o movimento anarco-punk. No início da década seguinte, na mesma cidade, se manifestam os primeiros elementos da cultura hip hop. Pouco tempo depois se estrutura o movimento hip hop e suas entidades organizativas. Em ambos os casos (punks e hip hoppers) o que acontece é semelhante. Dos encontros para curtir, dançar, e, sobretudo, ouvir a música se gera uma forte noção de coletividade e ao mesmo tempo uma articulação (local e mundial) com uma “comunidade” que extrapola a simples experiência imediata e se funda em uma noção de mundo construída por amplos setores juvenis das grandes cidades do mundo contemporâneo. Desta experiência juvenil de setores marginalizados da população, dessas cada vez maiores cidades, se fez a experiência do historiador, em uma trajetória de entrelaçamento com a experiência de outros setores sociais, revelando a “dor e a delícia” da pesquisa participante, de uma “história imediata”, de um tempo presente ou de passado recente. É sobre essa experiência que se abordará neste momento.

In the end of the decade of 70 it appears in Fortaleza the first elements of the culture punk, starting from them the movement punk is structured and later the movement anarco-punk. In the beginning of the following decade, in the same city, they show the first elements of the culture hip hop. Little time later is structured the movement hip hop and your entities. In both cases (punks and hip hoppers) the one that happens is similar. Of the encounters to tan, to dance, and, above all, to hear the music a strong collectivity notion is generated and at the same time an articulation (place and world) with a " community " that extrapolates the simple immediate experience and he/she is founded in a world notion built by wide juvenile sections of

the great cities of the contemporary world. Of this juvenile experience of marginalized sections of the population, of those every time larger cities, it was made the historian's experience, in an interlacement path with the experience of other social sections, revealing the pain and the delicacy " of the participant research, of a " immediate " history, of a present time or of recent past. It is about that experience that will be approached at this time.

Surgimento

No final dos anos setenta a cidade de Fortaleza fervilhava aos sons de inúmeras novidades oriundas da produção da chamada indústria cultural e das culturas de massa. Alguns vindos literalmente de “fora” e outros considerados “locais” e ainda não inseridos no contexto maior de comercialização internacional.

Era o caso, por exemplo, do rock que aportava com força a partir da musicalidade de Led Zeppelin, Black Sabbath, Ramones, Sex Pistols, entre outros. Já o predomínio do local se matizava nas inúmeras gravações de forró, bem representados em grupos como Trio Nordestino, Três do Nordeste, Luís Gonzaga, Jackson do Pandeiro, e tantos outros.

Estudos sobre o rock em Fortaleza dão conta de uma trajetória iniciada ainda nos anos 50 e um predomínio hegemônico do forró, motivo pelo qual, se apontaria até meados dos anos 90 do século passado a dificuldade de “explosão” desta manifestação em Fortaleza, bem como o surgimento e consolidação de bandas e espaços destinados a essas manifestações.

Entretanto o rock praticado em Fortaleza era “regionalizado” com bandas (ou grupos de bailes) como Os Faraós, Os Belgas, Os Diferentes, ou mesmo um pouco depois O Peso, que seguiam linhas melódicas mais leves e pouco ligadas as perspectivas mais “transgressivas” do rock:

Na década de 50, o rock era tocado por grupos de baile - o mais conhecido era Iranildo e seu conjunto - que animavam as festas de clubes sociais como o Náutico,

Líbano e Maguary [...] Na década de 60, com a explosão do rock em todo o mundo, esses grupos tocavam os sucessos do momento, além de músicas brasileiras, mambo, bolero e rumba. O grande destaque era Os Faraós, banda de Luizinho que ainda hoje toca em festas.[...] Outro destaque era Os Belgas, cujo guitarrista Júlio Sena era o maior sucesso. Tanto um como o outro tinham em seus repertórios, basicamente sucessos dos Beatles e as versões de Renato e seus Blue Caps. Também vale lembrar d'Os Diferentes, que a exemplo dos demais tocava música dos outros, mas a diferença estava no fato de cantarem músicas próprias e fazerem arranjos diferentes para músicas dos outros. [...] Nos anos 70, destacou-se Luís Carlos Porto, vocalista da banda O Peso, que talvez seja a única banda cearense de rock a ter tido projeção nacional[...] No final da década surgiu a banda Posh, fazendo um rock mais para o pop.¹

Assim, a manifestação nos anos da década de 70 se encontrava na encruzilhada dessas diferentes formas de apreciar e curtir o rock, parecendo ter havido uma apropriação dupla da manifestação: 1) a primeira do ponto de vista estético-político, com o surgimento de bandas “mais radicais”, com mensagens politizadas e fazendo parte de um “movimento” que atentava contra os pressupostos anteriores do próprio rock e da cultura de massas – o Punk; 2) e, a segunda do ponto de vista destas manifestações na própria cidade de Fortaleza, e de setores de sua sociedade antes relegados ao “silêncio”.

Trata-se de uma complexa articulação de manifestações, intenções, padrões estéticos, éticos e práticas de incorporação musical, que dão origem a uma forma inusitada de vivência da cidade e da própria música, que sai dos clubes de elite como o Náutico, Líbano e/ou Maguary e passa aos pequenos clubes de periferia tais como o Apache Clube, o Mênfis Clube do Antônio Bezerra, o Keops Clube, o Detroit, ou ainda o Grêmio recreativo do Conjunto José Walter, entre tantos outros.

¹ VIEIRA, Roberto César. **Pedras que não rolam criam limo**. Rock Cearense - Consumo e Mercado. Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, Universidade Federal do Ceará - UFC. Fortaleza: UFC, 1994. pp. 57-58.

É claro que a essa transposição Geo-estética² correspondia uma apropriação de outros setores sociais presentes na cidade de Fortaleza, e, além disso, marcava de forma definitiva a emergência de novos atores sócio-históricos: os jovens pobres.

Situados nas periferias da então pequena cidade de Fortaleza (à esta época a cidade possuía cerca de 1 milhão e 300 mil habitantes) eles passam a se manifestar de forma muito mais presente e freqüente, e além disso, essa manifestação se dava em um campo particular, próprio, singular e inovador: o campo da arte e do lazer.

Assim, os inúmeros bailes que surgem na cidade são mais do que simples diversão e assumem a conotação de manifestação juvenil, que dentro de uma trajetória própria, em pouco tempo, guardando a sua característica histórica de transmutação, assumiria uma outra e mais radical forma de se manifestar, como veremos adiante.

Os inúmeros bailes geram práticas de sociabilidade, de compreensão estética, ética e musical que são instauradoras de “territórios existenciais” e possuem suas sutilezas e perspectivas próprias. Vejamos como Flor, à época ainda menina, passa a experimentar o que ocorria:

No movimento punk mesmo eu não sei quando é que a coisa virou movimento punk, porque isso vem de um outro movimento, existia em 1979, isso eu sei bem direitinho, porque eu tinha 12 anos ou era 13, eu conheci essa menina a Guacira, ela curtia rock e tinha uns festivais de rock, que acontecia no Apache, no Mênfis Clube do Antônio Bezerra, no Keops Clube, lá no Detroit, várias casas de subúrbio, shows de rock com música, é playback, aí era Led Zepellin, Black Sabbath, Pink Floyd, Kiss, é heavy metal e aí começou uma reunião aqui na Praça do Ferreira, eu gaseava aula, que eu estudava no Anchieta, e ficava no meio dessa galera porque eu gostava de

² Utilizo essa categoria aqui, como uma fusão do espaço geográfico e da manifestação estética que dá sentido a esses espaços, configurando assim, a partir da idéia que o espaço é o lugar praticado (utilizado por Certeau – Cf. bibliografia) uma outra dimensão, a dimensão geo-estética. Faço assim uma apropriação livre de conceitos como geopolítica, por exemplo, e dilato seu sentido. Cf.: CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

banda e curtia Led Zepellin, Black Sabbath, Motorhead essas coisas e aí a gente começou a se reunir prá ir prá esses sons que rolavam e nesses sons tinha uns concursos de dança, aí tinha o Baby um cara do cabelão lá do Monte Castelo, que vinha dançar no concurso, que ganhava cerveja, num sei o quê...³

Como se pode perceber na lembrança de Flor, começavam a ser realizadas na cidade pequenas festas que ocorriam nos clubes de subúrbio. Nessas festas, uma das estratégias para envolver os grupos, eram competições de rock ao som dos conjuntos⁴ por eles preferidos:

Sempre nos finais de semana uma leva de fãs gravitava pelos clubes suburbanos atrás de diversão. "Competições" eram travadas entre as diversas turmas. A turma do Baby do Bairro do Monte Castelo, do Conjunto José Walter, do Parque Araxá entre outras, disputava quem agitava mais parecido com seus ídolos (Robert Plant, Ramones), com direitos a guitarras artesanais, feitas de madeira ou papelão e até troféus para as turmas vencedoras⁵

Além disso, outro aspecto que se deve considerar é a apropriação da cidade de forma itinerante, não fixa, feita de forma "errante", em deslocamentos pela diversidade de cada bairro, clube ou ainda das diversas "turmas" envolvidas:

...os outros assim que eram em bairro, mas acontecia assim de vez em quando né? Essa coisa do rock num era fixo não, o cara fazia um evento divulgava, ia ser uma semana num bairro, em outra semana ia ser em outro totalmente diferente ou distante, era assim uma coisa muito ligeira assim, acho que era isso que perpetua a adrenalina né? De repente o cara já tem a adrenalina lá em cima, aí esse negócio: faz um evento

³ Entrevista realizada por este pesquisador, com a ex-integrante do movimento punk, à época chamada **Flor Punk**; na Praça dos Leões no centro da cidade de Fortaleza em 06.03.2003. pp. 2-3.

⁴ Carmo nos informa que, neste período o uso do termo "bandas" não era empregado. Cf. CARMO, Paulo Sérgio do. **Culturas da Rebeldia**: A Juventude em Questão. São Paulo: Editora do SENAC, 2001. 279p.

⁵ XIMENES, Amaudson. **A Música Underground em Fortaleza**: Resistência ou Crise de Identidade? Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais, Universidade Estadual do Ceará - UECE. Fortaleza: UECE, 1998. p. 34. É interessante frisar que Ximenes, é guitarrista da banda Obskure, e fundador da Associação Cearense do Rock - ACR. Roqueiro de "primeira hora", vivenciou este período e alguns dos acontecimentos que narra, tendo inclusive em dado momento desenvolvido alguns trabalhos com os punks em Fortaleza. Foi realizada entrevista com ele, no sentido de delinear a ação dos grupos punks, e de identificar as relações estabelecidas neste momento de surgimento do punk na cidade.

*hoje aqui, tu vai; no outro final de semana num é mais aqui é lá... num sei nem aonde e você tá lá...*⁶

A novidade dessa experiência juvenil que tomava o lazer em suas mãos, articulava os diversos bairros da cidade, se grupalizava a partir de afinidades, identificava grupos distantes e/ou rivais, estabelecia uma rede de relações, de espaços, constituía sua vivência a partir de desejos e prazeres dos quais não se dissociava, e, que em breve se tornaria a referência de suas próprias vidas de forma completa.⁷

Estavam constituindo seus espaços:

Existe espaço sempre que e tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. O espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circuntanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais.⁸

A constituição desses “territórios existenciais”⁹ marca de forma peculiar toda a manifestação juvenil no mundo contemporâneo. Alguns autores têm intitulado esta característica de elaboração de grupos a partir das afinidades e diferenças de “tribos”¹⁰, numa dupla alusão a historicidade de processos semelhantes na antropologia ou ainda a constituição de redes no universo contemporâneo dito globalizado.

⁶ Entrevista realizada por este pesquisador com **Magoo**, em 28.01.2003 em sua residência na cidade de Caucaia, região Metropolitana de Fortaleza. p. 01. Magoo foi um dos principais expoentes do punk durante os anos 80 e 90, distanciou-se do movimento organizado, mas continua com a Banda Estado Indigente, que formou ainda no final dos anos 80.

⁷ A priorização total do estilo ocorre com a maioria dos entrevistados da pesquisa realizada com punks e hip hoppers na cidade de Fortaleza.

⁸ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999. p. 202

⁹ Cf.: JANOTTI JÚNIOR, Jéder S. **Heavy Metal: O Universo Tribal e o Espaço dos Sonhos**. Dissertação de mestrado apresentada ao Depto. de Comunicação Social - programa de mestrado em Multimeios, da UNICAMP, 1994. Segundo ele através “...do vestuário, dos shows e dos locais de encontro do grupo, os jovens procuram construir ‘territórios existenciais’ que possibilitem exercitar sua subjetividade situadas além dos espaços normatizados (tais como família, escola e trabalho).”

¹⁰ MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos** - O Declínio do Individualismo nas sociedades de Massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

Enquanto que para os punks essa articulação inicial se dá no final dos anos 70, para os hip hoppers processo semelhante ocorre no início dos anos 80, com a chegada, primeiro da dança (break) e depois do canto (rap) e finalmente algum tempo depois do próprio grafite, considerados os três elementos fundamentais do hip hop.

Os bailes onde as diversas sonoridades eram experimentadas em partes específicas para cada estilo musical, eram prática comum na Fortaleza do final dos anos 70 e dos anos 80. Assim os amantes de cada tipo de música tinham uma parte específica da festa para se deleitarem, e a elas recorriam nos mais diversos cantos da cidade.

Nestes bailes, nos pequenos clubes dos muitos (e à época distantes) bairros da cidade, integrantes dos diversos grupos se encontravam e aprendiam a se identificar e respeitar:

Inter Dance, no Monte Castelo, era um point onde os punks, e no tempo... o break tava, 85, 86, 87 o break tava em ascensão né, era de certa forma uma novidade, aí lá o pessoal tinha a festa de rock, punk, e tinha o pessoal que dançava o break se congregava lá, aí eles migraram alguns aqui pro Conjunto Ceará...¹¹

Assim, percebe-se que o universo juvenil e underground era marcado por um conjunto de práticas que independiam das musicalidades eleitas. Há nesse caso um entrelaçamento entre as perspectivas musicais, as visões de mundo, os interesses mais imediatos e uma aura estética transgressiva que aportava com estas manifestações musicais e que definiram aos poucos o próprio campo dessas manifestações (punk e hip hop).

Os Movimentos

Na medida em que essas musicalidades tomavam corpo na cidade, como resultado da experiência direta desses jovens com a música e a própria cidade, foram tomando feições próprias, se articulando de forma singular como resultado

¹¹ Entrevista realizada por este pesquisador com o rapper **Sátiro Silvestre**, no dia 10.08.2003 no bairro do Conjunto Ceará, em Fortaleza, p. 01. Atual integrante da coordenação do MH₂O, e um dos primeiros dançarinos de break da cidade. Foi um dos fundadores da Striking gangue de break nos anos 80.

dessa fusão entre os elementos dispostos e construídos. Em outras palavras: foram se tornando “movimentos”.

Ao que tudo indica, como observa Melucci, nas sociedades contemporâneas, a identidade seria vivenciada como ação e não como situação, sendo construída no complexo de relações sociais estabelecidas no processo de vida e dentro dos meios e lugares sociais ocupados.

Assim, haveria uma alteração na noção de identidade que, baseada neste pressuposto de constituição permanente, auto-reflexiva, e, sobretudo, operada por cada pessoa, precisaria de novos termos:

A mesma palavra identidade não é mais apropriada para exprimir essa mudança e será necessário falar de identificação para exprimir o caráter processual, auto-reflexivo e construído da definição de nós mesmos.¹²

Desta forma, o autor quer dar conta da transitoriedade do contemporâneo, da multiplicidade de papéis que cada indivíduo assume cotidianamente. Entretanto, no caso dos jovens destes grupos (punk e hip hop), uma das suas muitas identidades, surgida no momento de identificação pela música, pela dança, por manifestações afins, e, de uma definição de papéis; o que ocorre, é que a grande maioria, acaba assumindo de forma definitiva, estas identificações (que em princípio são transitórias).

O fato desses jovens assumirem uma destas identificações de forma permanente, não significa que o caráter de auto-construção, de auto-reflexão, seja dispensado, mas parece que, o processo se dá de forma intensa, dentro do próprio estilo que assumem. Assim, pode-se falar em identidades da mesma forma, ou deslocar o conceito de identidade nesse sentido.

¹² Melucci Apud CARRANO, P. C. R. **Juventude as identidades são múltiplas**. Revista Movimento. São Paulo: DP&A, maio de 2000. N^o 1. O mesmo Melucci (1997) propõe em outro artigo que deveria se falar em redes conflituosas, ao invés de falar em movimentos, dado o caráter de produção de formas culturais. Apesar de interessante, no caso dos movimentos aqui estudados, não se aplica, posto que os significados construídos por estes jovens, passam pela noção de movimento.

Se como afirma Mafesolli, "*a sensibilidade coletiva, originária da forma estética acaba por constituir uma relação ética*"¹³, então pode-se considerar que este conjunto de relações instituídas no campo ético/estético, pode se tornar, o centro do complexo processo de identificação/identidade, como de fato acontece com muito dos entrevistados.¹⁴

Dessa forma, constituem uma "linguagem" própria, que articula não só suas falas, mas também os tipos de música, o uso de determinadas roupas e adereços, os adereços, os símbolos, os locais de frequência, as manifestações do próprio corpo, os cortes de cabelo, as gírias, os aliados, e também, porque não dizer, os próprios adversários.¹⁵

Essa linguagem articulada dentro do cotidiano, é manifesta de forma ostentatória, com a sutileza de seu uso dirigido apenas aos iniciados, de tal forma, que mesmo numa multidão, pode-se passar por eles sem percebê-los, num jogo do visível/invisível, em alguns casos.

Em outros casos, o visual é assumido para chocar, impactar, como acontece com os punks, nesta fase. Entretanto, mais recentemente, esta característica é abandonada, em detrimento de uma postura em que este aspecto se torna opcional. Oliveira nos dá conta de um congresso ocorrido em João Pessoa, onde se discutiu e se deliberou o seguinte: "*...os que ali estavam concluíram que, o mais importante na sua estética não é a forma "X" ou "Y", mas os princípios que a guiam...*"¹⁶

Assim, pode-se inferir que essa linguagem constituída de símbolos e sinais, pontos geográficos e espaciais, sentimentos e formas diversas de sentir e participar, são incorporadas e desenvolvidas a partir de uma noção maior que acaba

¹³ MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos** - O Declínio do Individualismo nas sociedades de Massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. p. 27

¹⁴ É interessante observar que, todos os entrevistados desta pesquisa, têm o estilo no centro de suas atividades, sejam elas profissionais, sociais, políticas, etc. Há a priorização total do estilo, que assume a dimensão de ordenador das relações. Neste caso, o termo identidade, se aplica perfeitamente.

¹⁵ De um modo geral cada entrevistado tem sempre uma história de como ocorreu consigo, ou mesmo, com outros do grupo. Cf. neste sentido, dissertação de mestrado apresentada por mim ao programa de estudos pós-graduados em história da PUC-SP, intitulada O Movimento Hip Hop Organizado do Ceará.

¹⁶ OLIVEIRA, Vantiê Clíneo de Carvalho. **O movimento anarco-punk** (A identidade e a autonomia nas produções e nas vivências de uma tribo urbana juvenil). Dissertação de mestrado. Natal: UFRN/ Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2003. p. 47.

assumindo proporções cada vez mais significativas tanto em suas vidas, como em resultado disso, da própria vida social e política: o movimento.

É em torno do movimento que tanto punks quanto hip hoppers se insurgem no espaço urbano contra a exploração, a mesmice, a guerra, o capitalismo, a anti-cidadania, a falta de condições de vida dignas e justas, e tantas outras questões que os afligem e incomodam e com o que imaginam estar produzindo um mundo melhor e reinventando sua cidadania.

No início dos anos 90 é criada uma entidade organizativa dos hip hoppers (MH₂O) em torno da qual todas as atividades ligadas a essa manifestação se desenrolaram a partir de então. No final da mesma década muitas outras entidades surgem como “rachas” da primeira. Hoje uma outra além dela é forte e ativa na cidade – O Movimento Cultura de Rua ou MCR. Esta entidade se coloca como um movimento social organizado, ou pretende se produzir como tal.

Ainda no final dessa década a entidade se o próprio MH₂O se institui como movimento e cria um estatuto jurídico se tornando uma Organização Não Governamental – ONG. O trabalho das duas é muito semelhante: música, dança e arte são utilizadas no engajamento político, social e profissional dos jovens pertencentes ao movimento. Sutileza que diferencia as entidades das demais, já que o trabalho político vem à frente do musical.

Com os punks o processo é semelhante, mas a orientação anarquista imprime um outro viés: a criação de coletivos de convivência alternativa. O primeiro é criado ainda nos anos 80 (o Núcleo Coletivo de Consciência Libertária - NCCL), que durou até o final dessa mesma década. Depois disso muitos outros vieram, sendo que nos anos 90 o mais presente foi o “Coletivo Ruptura”. Hoje a principal articulação se dá em torno da “Comuna Libertária”, uma entidade sediada no bairro de Parangaba e que toca a luta de punks e anarquistas sob essa ótica.

As muitas formas de manifestação de seus desejos e necessidades têm apontado para uma construção alternativa nesses moldes. Além disso, uma

articulação local e global se fortalece com vínculos de solidariedade e trabalho com jovens e entidades de outros Estados como suas movimentações mais frequentes grafitam por aí...

A música iniciada nos “bailinhos” quebrou as paredes dos clubes de classe média, se espalhou como um rastro de pólvora e botou fogo em tudo aos seu redor. Ao lazer puro e simples, um outro com prazer e política. O canto falado e o grito primal nunca foram tão ouvidos e fortes.

Os bailes e sons da cidade nunca mais serão os mesmos!